

PERSPECTIVAS DA HISTÓRIA CULTURAL: PATRIMÔNIO E MEMÓRIA, O CASO DA USINA VELHA*

PINTO, Maiara Laís**

Resumo

Este artigo tem a proposta de discutir aspectos relacionados à pesquisa histórica e as novas possibilidades surgidas a partir do século XX para a historiografia, com destaque para a História Cultural, que possibilitou a inserção de novos temas e abordagens para os historiadores, como é o caso da cultura. O objeto de estudo é um patrimônio material cultural de Dourados/MS, a Usina Termoelétrica Senador Filinto Muller, mais conhecida como Usina Velha. Esta foi a primeira a gerar energia elétrica para a cidade, na década de 1940-1950, e apesar de funcionar por pouco tempo a sua história ficou presente na memória das pessoas que a vivenciaram. Após a desativação o prédio da Usina ficou abandonada o que gerou insatisfação para a população douradense que considerava importante a sua preservação, sendo assim iniciaram movimentos nas décadas de 1980/1990, em prol da preservação do prédio e no ano de 1991 ela foi tombada como patrimônio. Parte-se do campo da História Cultural, que promove uma maior discussão sobre conceitos culturais, para compreender a relação existente entre os douradenses e o bem patrimonial, a Usina Velha, utilizando como objeto nesta história a memória. A proposta desse trabalho está vinculada ao campo de pesquisa da História, memória e patrimônio.

Palavras-chaves: historiador –patrimônio- memória

A pesquisa histórica

O ofício do historiador está diretamente ligado às suas práticas, as suas vivências, o lugar social a qual pertence, pois irá influenciá-lo na escolha pelo fato a ser pesquisado¹.

A definição do assunto não acontece simplesmente pelo “gosto” do historiador, mas também a problemática que este envolve. Ao se pensar que existe um problema é necessário encontrar uma solução, sendo que para isto o historiador utiliza-se das suas fontes, sejam elas documentais ou orais.

Os critérios da pesquisa como tema, fato e fontes estão relacionados à subjetividade da pesquisa histórica. Não é possível determinar que um fato seja mais importante do que outro, os critérios são definidos pelo historiador, porém, ao referir-se aos fatos, é preciso pensar que estes não estão isolados, fazem parte de um contexto, neste sentido temos:

*Artigo decorrente das pesquisas iniciadas do projeto de mestrado “História, memória e patrimônio: os movimentos de preservação da Usina Velha – DOURADOS/MS (1980/1990).

** Mestranda em História pela Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD, bolsista CAPES, maiaralp@gmail.com.

¹CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In. _____. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

os fatos não existem isoladamente, mas têm ligações objetivas; a escolha de um assunto de história é livre, porém, dentro do assunto escolhido, os fatos e suas ligações são o que são e nada poderá mudá-los; a verdade histórica não é nem relativa, nem inacessível como uma extraordinária extrapolação de todos os pontos de vista, como um "geométral".²

Cabe ao historiador relacionar o fato ao contexto, considerando que ele não tem acesso aos fatos, “o historiador, por definição, está na impossibilidade de ele próprio constatar os fatos que estuda”³, ele precisa fazer a análise, a interpretação dos dados encontrados e para fundamentar o seu trabalho ele utiliza-se de diversas fontes e de referenciais bibliográficos.

O embasamento teórico, encontrado nos referenciais bibliográficos, é essencial para a atividade de pesquisa do historiador, este auxilia no entendimento do contexto, na fundamentação e serve para fazer o uso das citações, que tem:

por função comprovar o discurso: como referencial, introduz nele um efeito de real; e por seu esgotamento remete, discretamente, a um lugar de autoridade. Sob este aspecto, a estrutura desdobrada do discurso funciona à maneira de uma maquinaria que extrai da citação uma verossimilhança do relato e uma validade do saber. Ela produz credibilidade⁴.

É com esta preocupação em somente não narrar fatos que o historiador se depara com uma das mais importantes inquietudes da sua atividade, a busca da verdade já que “o discurso histórico pretende dar um conteúdo verdadeiro (que vem da verificabilidade) mas sob a forma de uma narração”⁵.

Outro recurso presente nas pesquisas históricas são as fontes sejam elas os documentos oficiais, as iconográficas, as impressas, as audiovisuais, as orais entre outras, sendo que cabe ao historiador “eleger” com qual e/ou quais irá trabalhar. Esta “escolha” depende da temática, do objetivo da pesquisa, da disponibilidade de encontrá-las e também do estado de conservação.

Compreende-se que o uso e o diálogo com as fontes são fundamentais para o estudo, que estas podem tanto corroborar quanto contrapor as questões pesquisadas e/ou propostas e que cada fonte possui especificidades, sendo necessário interpretá-las e analisá-las de forma crítica.

²VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1982, p.42.

³BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 69.

⁴CERTEAU, Michel de. Op. Cit. p.101.

⁵Idem, p. 100.

Identificando e assimilando a importância e as características das fontes é possível apresentar estes aspectos recorrendo às fontes que foram selecionadas para a pesquisa, já iniciada sobre a história da Usina Velha e os movimentos de preservação desta – 1980/1990.

Compõem como fontes para esta pesquisa os documentos oficiais, a imprensa periódica/jornais, o referencial bibliográfico e as fontes orais. Para a análise das manifestações da população douradense em defesa da preservação do prédio da Usina Velha é relevante pensar que as fontes orais podem ser corroboradas com as fontes impressas, pois se os manifestantes podem relatar os fatos o registro dos jornais “comprova” o depoimento, porém se esta não registrou é possível problematizar questionando por que isto aconteceu, qual era o contexto social e político da época?

A imprensa nos proporciona identificar a nossa história e analisar o cotidiano de uma determinada população. No livro *História da Imprensa e história do Brasil* destaca que:

O jornal, como afirma Wilhelm Bauer, é uma verdadeira mina de conhecimento: fonte de sua própria história e das situações mais diversas: meio de expressão de ideias e depósito de cultura. Nele encontramos dados sobre a sociedade, seus usos e costumes, informações sobre questões econômicas e políticas⁶.

Este meio de comunicação de massa trabalha com o cotidiano da população, pois relata diariamente os principais acontecimentos do mundo, propiciando conhecimento a sociedade, porém esta deve ter um senso-crítico:

A missão da imprensa é agarrar a história em andamento, afirmou o jornalista americano Howard Simons. Essa tarefa exige perícia maior do que se imagina, pois o profissional da imprensa se movimenta entre o tempo longo da história e o tempo curto do cotidiano. A combinação de atualidade-permanência é que dá conteúdo ao jornalismo; esses dois fatores se entrecruzam, caracterizando a imprensa de todas as épocas⁷.

Sendo assim, este meio de comunicação, atualmente é considerando uma importante forma de memória e de registro dos eventos e de manifestações sociais.

Considerando a fonte oral esta possibilita:

hoje um caminho interessante para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido a formas de vida e escolhas de diferentes grupos sociais, em

⁶ CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988, p. 21.

⁷ Idem, p. 59.

todas as camadas da sociedade. Nesse sentido, ela está afinada com as novas tendências de pesquisa nas ciências humanas, que reconhecem as múltiplas influências a que estão submetidos os diferentes grupos no mundo globalizado⁸.

Sendo assim compreende-se que a atividade do historiador é intelectual, não deve basear-se na intuição, busca em seu trabalho explicar uma história e não apenas fazer uma narrativa de fatos.

Após o processo da pesquisa e da leitura, que são intermináveis, o historiador se depara com a sua atividade final, onde deve - se fechar as lacunas encontradas na pesquisa através do seu trabalho final, que é a produção do texto.

Novas possibilidades para a história

A corrente dos *Annales* iniciou transformações nas pesquisas históricas e estas continuaram durante o século XX, possibilitou para a historiografia a introdução de novas temáticas a serem estudadas pela História, a inserção de novas fontes para a pesquisa e o diálogo com outras disciplinas: a interdisciplinariedade.

O contato dos historiadores com as outras disciplinas como a geografia, a linguística, a estatística, a sociologia, a antropologia, promoveu a ampliação das discussões de assuntos e objetos de pesquisa. Pode-se exemplificar com a antropologia que é utilizada principalmente ao abordar a história e a cultura, em que a união destes dois assuntos proporciona uma maior discussão no plano teórico e metodológico, seja no que diz respeito aos conceitos relativos ao simbólico, à representação e o imaginário.

Nesta relação do historiador com a interdisciplinariedade este deve agir sem, contudo, perder de vista sua perspectiva histórica, considerando aquilo que a antropologia não pode avançar.

Até o início do século XX as pesquisas históricas estavam voltadas para as questões econômicas e políticas, com as mudanças advindas neste século foi possível ampliar os campos de pesquisa. Com a Nova História foram inseridos estudos voltados para o social, o cotidiano, as mulheres, as mentalidades, o imaginário, o cultural, entre outros.

Como mencionado, é possível identificar vários campos da história. Este artigo destaca a História Cultural, a qual surgiu como uma nova proposta de construções de significados para o estudo da história, que contrapõe com a história marxista:

⁸ ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: Pinsky, Carla (org.) **Fontes históricas**. São Paulo, Contexto, 2005, p.155-202, p. 164.

Não se trata de fazer uma História do Pensamento ou de uma História Intelectual, ou ainda mesmo de pensar uma História da Cultura nos velhos moldes, a estudar as grandes correntes de ideias e seus nomes mais expressivos. Trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo⁹.

O campo da história cultural não é recente, mas foi redescoberto em 1970. Um dos principais pontos de questionamentos desta história é a sua definição, o que está cada vez mais difícil de fazer, pois o termo cultura aborda diferentes aspectos sociais. Burke propõe que uma forma de resolver esta questão seria de deslocar a atenção dos objetos para os métodos de estudo, porém também é algo de controvérsia e variedade¹⁰.

A proposta da História Cultural seria de:

decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar aquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo. Torna-se claro que este é um processo complexo, pois o historiador vai tentar a leitura dos códigos de um outro tempo, que podem se mostrar, por vezes, incompreensíveis para ele, dados os filtros que o passado interpõe.¹¹

Pensando ainda no que há de comum neste campo temos que os estudos relacionados ao simbólico e suas interpretações são considerados como uma das preocupações dos historiadores culturais¹².

Compreende-se assim, que a história cultural engloba estudos sobre representação, imaginário, simbólico e cultura, considerando aspectos relacionados às práticas da sociedade. Ressalta-se que não é um estudo da cultura elitizada, mas sim de suas características, como: os valores, os costumes e os modos de vida.

A partir destas considerações é possível realizar uma pesquisa em história sobre patrimônio cultural material, pois estes são criados a partir da relação, da identificação que existe entre a população e aquilo que foi materializado.

O patrimônio estudado nesta pesquisa é a Usina Senador Filinto Muller, está localizada em parte da Chácara de nº 22 zona urbana, com área de 12.222 m². Ao norte o córrego Laranja Doce, ao Sul com parte da mesma chácara, ao nascente, frente com o corredor público e ao poente, com parte da mesma chácara.

⁹ PESAVENTO, Sandra Jatthy. **História e História Cultural**. 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. Coleção História e Reflexões, p.15.

¹⁰ BURKE, Peter. **O que é História Cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

¹¹ PESAVENTO, Sandra. Op. Cit., p. 42.

¹² BURKE, Peter. Op. Cit., p. 10

Esta Usina atualmente é conhecida como Usina Velha e sua construção aconteceu durante a década de 1940, sendo inaugurada em 1949 proporcionando geração de energia para a cidade de Dourados¹³.

No que se refere à história da cidade de Dourados este foi um período de crescimento econômico e populacional devido à implantação da Colônia Agrícola Nacional de Dourados/CAND:

Um impulso econômico e crescimento populacional notável para o município. Em apenas uma década, Dourados se tornou a cidade mais populosa da região sul do estado de Mato Grosso. Os dados censitários apontam para um crescimento acentuado, concentrado principalmente na zona rural, motivado pela doação de lotes de terras, como parte da política do governo varguista e de seu projeto Marcha para Oeste¹⁴.

Além do crescimento econômico e populacional que aconteceu em Dourados na década de 1940, tivemos também mudanças na estrutura da cidade. Neste sentido Mercolis Alexandre Ernandes, em sua dissertação de mestrado “A construção da identidade douradense (1920-1990)”, destaca que:

Foi na década de 1940 que a cidade passou a se desenvolver com mais rapidez. Traçado urbano, escolas, igrejas e postos de saúde passaram a ser reivindicados, pela imprensa, em nome da população. Era necessário consolidar os ideais de progresso e civilização tão sonhados. Com o aumento da demografia novas demandas surgiram. A preocupação em organizar o espaço urbano conferia à cidade características de um lugar em transformação. Em torno da praça central, novas casas comerciais foram abertas¹⁵.

Considerando a construção e o período de funcionamento da Usina Velha percebe-se que a sua história está diretamente ligada com a da cidade de Dourados, enfatizando a sua importância para os douradenses.

Realizando pesquisas no jornal *O Douradense* foi possível compreender aspectos relacionados ao período da construção da Usina. Analisando as reportagens fica evidente a expectativa de melhoras e mudanças na vida da população com a chegada da energia elétrica,

¹³ FERREIRA, Analina [atualmente CARVALHO]. **Memória de Pioneiros: a Usina Filinto Muller**. Dourados: UFMS, 1999. (Relatório de Iniciação Científica) 27p.

¹⁴ ARAKAKI, Suzana. **Dourados: memórias e representações de 1964**. Dourados, MS: Editora UEMS, 2008, p. 49.

¹⁵ ERNANDES, Mercolis Alexandre. **A construção da identidade douradense: 1920 a 1990**. 177 p. Dissertação (Mestrado em história). Dourados, MS: UFGD, 2009, p.40.

acreditando que “uma nova era de vida se abrirá para todos os setores da vida diária”¹⁶.

O principal objetivo desta Usina era abastecer as casas e as vias públicas comerciais, que se concentrava principalmente nas avenidas Marcelino Pires, Weimar Torres e Joaquim Teixeira Alves¹⁷.

O bom funcionamento desta Usina durou pouco e no primeiro número do *O Progresso* este informa que desde o dia 29/01/1951 a cidade vem sofrendo com a falta de energia¹⁸. A volta de energia estava prevista para o dia 10/05, mas a promessa não foi cumprida já que nem todos os materiais chegaram a tempo¹⁹.

“Já está acesa a fornalha da Usina”, foi assim que *O Progresso* noticiou, na primeira página, a volta do funcionamento da Usina no dia 10/06/1951. Além de destacar que a fornalha já estava acesa, informou que foram colocadas lâmpadas em outros postes e isto “indiscutivelmente vai dar um aspecto mais belo na iluminação pública”.

Apesar da volta da luz em Dourados os problemas com a geração de energia ainda não tinham cessado, a preocupação agora era com a economia de energia. Utilizando-se palavras como “ordem”, “bons douradenses”, “apelo”, “boa vontade”, a reportagem na capa do *O Progresso*, do dia 29/07/51, procura informar e convencer os douradenses da importância de economizar luz, pois a Usina passava por dificuldades para abastecer a cidade.

Uma forma de compreender a importância da energia para a cidade e a preocupação em manter a Usina em funcionamento está num trecho da reportagem citada anteriormente: “Assim atendendo este breve apelo, estaremos contribuindo, com uma parcela de boa vontade para mantermos em dia a preciosa dádiva que Deus, pelo engenho humano, nos concedeu”.

Em setembro de 1951 o Estado declarou a doação para Dourados da Usina termoelétrica Senador Filinto Muller e da Serraria e que a Prefeitura, no próximo ano, os colocaria em concorrência pública para o arrendamento²⁰.

O aumento populacional e o crescimento econômico da cidade afetaram diretamente o funcionamento da Usina Velha que era insuficiente para abastecer a cidade, porém a população estava satisfeita com as mudanças vindas desde a sua implantação e cobrava melhorias na geração de energia²¹.

A Usina não suportou atender a demanda local e seu funcionamento foi paralisado

¹⁶ *O Douradense*. 11/05/1948.

¹⁷ MOREIRA, Regina Heloiza Targa. **Memória fotográfica de Dourados**. Campo Grande: UFMS, 1990.

¹⁸ *O Progresso*. Teremos Luz dia 10 de maio. 21 de abril de 1951, p.1.

¹⁹ *O Progresso*. 13 de maio de 1951, p.1.

²⁰ *O Progresso*. 16 de set. 1951, p.1.

²¹ *O Progresso*. 14 de out. de 1951, p.1.

em 1952. Com a desativação o prédio foi abandonado e seu maquinário retirado, durante anos ela ficou sem ter a “atenção” das entidades e autoridades públicas:

Desativado, portando, deste 1952, o prédio da usina atualmente encontra-se bastante deteriorado pelo tempo e pela ação de pessoas desconhecidas que levaram janelas, telhas, tijolos e outros materiais de sua construção. Todos os maquinários foram levados dali por particulares, cuja ação parece não ter tido anuência do executivo local da justiça ou do próprio IPHAN, existindo basicamente ruínas da arquitetura original²².

A relação da Usina com a história de Dourados gerou uma identificação da comunidade local com o bem edificado, acarretando anos mais tarde nos movimentos em prol da sua preservação. Estes iniciaram na década de 1980 devido ao abandono do prédio e a preocupação com a sua deterioração, ressalta-se que após as manifestações a Usina Velha foi tombada como patrimônio cultural material da cidade.

Ressalta-se que, nesta pesquisa, compreende-se por patrimônio cultural de um povo:

as obras, artistas, arquitetos, músicos, escritores, e sábios, assim como as criações anônimas surgidas da alma popular e o conjunto de valores que dão sentido a vida. Ou seja, as obras materiais e não materiais que expressam a criatividade desse povo: a língua, os ritos, as crenças, os lugares, e monumentos históricos, a cultura, as obras de arte e os arquivos e bibliotecas²³.

Utiliza-se também como referência o que é definido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/IPHAN:

O patrimônio material protegido pelo Iphan, com base em legislações específicas é composto por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza nos quatro Livros do Tombo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas. Eles estão divididos em bens imóveis como os núcleos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; e móveis como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos²⁴.

Entende-se assim por patrimônio material tudo aquilo que foi construído (materializado) e utilizado pelo homem, o que está presente na memória, o que lhe faz reviver o passado.

Considerando os movimentos de preservação da Usina Velha, que aconteceram entre

²² FERREIRA, Analina. Op. Cit., p.21.

²³ ICOMOS. Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais. **Declaração o México**. [S. I.: s.n.], 1985.

²⁴ IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em <www.iphan.gov.br>. Acesso em: 20 set. 2012.

os anos de 1980/1990 temos que o interesse em preservá-la era da comunidade douradense principalmente das pessoas ligadas à arte e a cultura:

nem sempre bem articuladas (artistas, cantores, pintores, fotógrafos, escritores, professores e estudantes) vêm promovendo eventos para divulgar sua importância na história de Dourados. Tais eventos buscam sensibilizar as autoridades municipais para que se faça no local a casa da Cultura ou Museu para preservar sua história e a história de Dourados²⁵.

Recorrendo as pesquisas nos jornais que circulavam em Dourados durante o ano de 1991 encontramos notícias das ações do movimento cultural, sendo que a FUNCED publicou no jornal *Enfoque* os fatos que marcaram o campo cultural e considerou que apesar das dificuldades conseguiu ter um desenvolvimento e “promoveu momentos inesquecíveis e estabeleceu novas esperanças ao povo douradense”²⁶.

As pesquisas sobre a história deste patrimônio ampliam devido a estas manifestações, pois é possível analisar a relação existente entre a população douradense e o patrimônio material, principalmente utilizando como fonte os jornais e os depoimentos dos manifestantes.

Memória e história

O depoimento é uma metodologia que vem fazendo parte da pesquisa dos historiadores em que estes utilizam das memórias das pessoas que vivenciaram o fato estudado.

Retomando os movimentos de preservação da história e do prédio da Usina Velha temos que este grupo se envolveu diretamente na luta pela preservação deste patrimônio e outros existentes em Dourados e realizaram várias ações em prol da conservação dos mesmos. Um dos participantes deste movimento foi Francisco Marcos Rossete Chamorro, mais conhecido como Kinho, que tem registrado em sua memória e nos documentos fatos marcante deste período. Este relata que “entre os anos de 1984 a 2002 ocorreram vários movimentos em Dourados sobre a preservação da Usina Velha”.²⁷

Neste estudo sobre história e patrimônio os usos das memórias tornam-se relevantes, pois parte-se do princípio de que para um patrimônio possa assim ser considerado é relevante identificá-lo com a comunidade. Esta rememoração proporciona conhecer a história, as

²⁵ FERREIRA, Analina. Op. Cit.,p.22.

²⁶ *Enfoque* – Edição Especial, dia 20/12/1991, p.6.

²⁷ Francisco Marcos Rossete Chamorro. Entrevista em Out./2011.Dourados/MS.

tradições e valorizar a comunidade local. Ao se entender os significados do bem material e/ou imaterial é possível interpretar o patrimônio e não considerá-lo apenas como um objeto.

Estes aspectos refletem para questões importantes que os historiadores devem ter em mente ao utilizar as memórias nas pesquisas, pois é necessário fazer uma análise crítica dos fatos relatados pelos entrevistados, pois as vivências, as interferências políticas, econômicas, sociais e culturais vividas pelos entrevistados, tanto no passado quanto no presente, refletem diretamente na maneira como estes narram à história:

Lembrar o passado e escrever sobre ele não mais parece às atividades inocentes que outrora se julgava que fossem. Nem as memórias nem as histórias parecem mais ser objetivas. Nos dois casos, os historiadores aprendem a levar em conta a seleção consciente ou inconsciente, a interpretação e a distorção. Nos dois casos, passam a ver o processo de seleção, interpretação e distorção como condicionado, ou pelo menos influenciado, por grupos sociais. Não é obra de indivíduos isolados²⁸.

Neste sentido destaca-se o cuidado que deve - se ter com a história oral e no entendimento da “história” que lhes é contada, pois “o equívoco está em considerar que a entrevista publicada já é a “História”, e não apenas uma fonte que, como todas as fontes necessitam de interpretação e análise”²⁹.

Compreende-se assim que a memória e a história resultam das interpretações dos sujeitos, portanto são subjetivas. Apesar deste aspecto comum as duas não são a mesma coisa: “a memória não é a história, mas um dos seus objetos e simultaneamente um nível elementar de elaboração histórica”³⁰.

Para colaborar neste debate que envolve a diferença entre a memória e a história, com enfoque na história cultural, considera-se que:

Compete ao historiador do cultural consentir na fábula, sem se deixar levar. E esclarecendo, em primeiro lugar, este velho idílio, porque história e memória se opõem. A história é um pensamento do passado e não uma rememoração. Forjou as suas próprias armas e codificou as suas leis. O historiador não é, portanto um memorialista, porque constrói e dá a ler a narrativa – sim, a narrativa: descoberta recente, importante e duradoura – de uma representação do passado³¹.

²⁸ BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. Trad. Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 70.

²⁹ ALBERTI, Verena. Op. Cit., p. 158.

³⁰ LE GOFF, Jacques. História. In: _____. **História e memória**. 2ª ed. Campinas: Edunicamp, 1992, p.49.

³¹ RIOUX, Jean- Pierre. A memória coletiva. In: ____ e SIRINELLI, Jean-François (orgs.). **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.p. 307-334, p. 308

Compreende-se assim que a memória é um dos objetos utilizados pelos historiadores para fazer a narrativa dos fatos, porém deve-se cuidar para não se prender somente às memórias, mas lembrar-se dos silêncios e dos esquecimentos, pois estes também se relacionam a subjetividade dos homens³².

Considerações finais

A historiografia passou por grandes transformações, principalmente durante o século XX, juntamente com ela os historiadores foram se adaptando as mudanças, tanto em questões teóricas quanto metodológicas. Os campos de pesquisa ampliam, busca-se a interdisciplinaridade e as fontes na história diversificam, estes aspectos possibilitam a narração da história.

Este artigo apresentou o campo da história cultural compreendendo assim que é possível estudar os diferentes aspectos da cultura, dentre eles o patrimônio cultural material, neste caso a Usina Velha, pois parte da história de Dourados encontra-se materializada na sua construção, possui um significado para os douradenses que conhecem a sua história e a vivenciaram, tornando-se assim um símbolo para eles.

Constata-se que a história da Usina Velha está relacionada a um período importante de crescimento econômico e populacional de Dourados. Apesar de ter funcionado por pouco tempo isto não impediu que a sua história permanecesse na memória da população douradense e acarretasse anos mais tarde nos movimentos em prol da sua preservação.

Compreende-se que para analisar a relação entre os douradenses e o bem material é fundamental recorrer à memória, para que assim possa-se entender o que sensibilizou e proporcionou a “eleição” da Usina Velha como patrimônio cultural material.

As utilizações dos depoimentos juntamente com os registros diários dos jornais possibilitam conhecer e relacionar tanto a história de Dourados quanto a da Usina Velha, considerando sempre que estas não são a história pronta, mas que necessitam de uma análise crítica das fontes.

Referencial bibliográfico

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: Pinsky, Carla (org.) Fontes históricas. São Paulo, Contexto, 2005, p.155-202, p. 164.

³² LE GOFF. Op. Cit.

- ARAKAKI, Suzana. Dourados: memórias e representações de 1964. Dourados, MS: Editora UEMS, 2008.
- BLOCH, Marc. Apologia da história ou o ofício de historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001
- BURKE, Peter. Variedades de história cultural. Trad. Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- _____. *O que é História Cultural*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. Imprensa e história do Brasil. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.
- CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: _____. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense, 1982.
- ERNANDES, Mercolis Alexandre. A construção da identidade douradense: 1920 a 1990. 177 p. Dissertação (Mestrado em história). Dourados, MS: UFGD, 2009.
- FERREIRA, Analina [atualmente CARVALHO]. Memória de Pioneiros: a Usina Filinto Muller. Dourados: UFMS, 1999. (Relatório de Iniciação Científica) 27p.
- ICOMOS. Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais. Declaração o México. [S. I.: s.n.], 1985.
- IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em <www.iphan.gov.br>. Acesso em: 20 set. 2012.
- LE GOFF, Jacques. História. In: _____. *História e memória*. 2ª ed. Campinas: Edunicamp, 1992, p.49.
- MOREIRA, Regina Heloiza Targa. Memória fotográfica de Dourados. Campo Grande: UFMS, 1990.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e História Cultural. 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. Coleção História e Reflexões, p.15.
- RIoux, Jean- Pierre. A memória coletiva. In: ____ e SIRINELLI, Jean-François (orgs.). Para uma história cultural. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p. 307-334, p. 308
- VEYNE, Paul Marie. Como se escreve a história. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1982, p.42.

Fontes utilizadas

O Douradense. 11/05/1948.

O Progresso. Teremos Luz dia 10 de maio. 21 de abril de 1951, p.1.

O Progresso. 13 de maio de 1951, p.1.

O Progresso. 16 de set. 1951, p.1.

O Progresso. 14 de out. de 1951, p.1

Enfoque – Edição Especial, dia 20/12/1991, p.6.

Entrevista

Francisco Marcos Rossete Chamorro. Entrevista em Out./2011. Dourados/MS.